

## EDUCAÇÃO DE SURDOS NO PARADOXO DA INCLUSÃO COM INTÉRPRETE DE LÍNGUA DE SINAIS: RELAÇÕES DE PODER E (RE)CRIAÇÃO DO SUJEITO

*Deaf education in the paradox of inclusion with sign language interpreter: power relations and subject (re)creation.*

\*Autora: Vanessa Regina de Oliveira Martins

Orientadora: Regina Maria de Souza

Instituição: Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP, 2008

E-mail: vanymartins@hotmail.com

### RESUMO

O presente trabalho propõe uma análise das relações de saber e poder na inserção do intérprete de língua de sinais na inclusão escolar dos surdos no ensino superior, com o objetivo de deslocar a atuação, usualmente técnica, do intérprete educacional, apostando no processo de encontro pedagógico e não somente instrumental, numa relação educativa entre o intérprete e o estudante surdo. Para tal proposta, faço uma leitura teórica de autores que discutem a inclusão (?) no caso dos surdos, com a presença do intérprete, entendido como aquele que não deve substituir o professor, mas buscar ser seu porta-voz de modo fiel (?) e apresento alguns paradoxos gerados nesse contexto: inclusão-exclusão; tradução-ensino. Como fundamento para a pesquisa, retomo o modo de invenção da surdez na sociedade, as produções de saberes e poderes sociais, as relações de invenção das normas e a emergência de sujeitos; todavia, nesses jogos de forças, mostro as resistências e recriações que o sujeito (surdo, intérprete, professor) se faz no decorrer dos movimentos históricos e de luta, e discuto o ensino como efeito de acontecimento e saber. No caso da inclusão, penso ser a resistência surda efeito do

movimento contra a normalização ouvinte-falante, em oposição às suas singularidades linguísticas, de natureza visual e gestual. É na criação da aula como acontecimento marginal, como ensino-acontecimento, que o surdo e o intérprete de língua de sinais educacional se permitem enlaçar e fazer o ensino. Nessa falta de enlace entre aluno surdo e professor ouvinte, convoca-se o intérprete, e é nessa frustração simbólica instaurada pelo não conhecimento linguístico, por parte do professor ouvinte, que a inclusão instaura paradoxos que, por sua vez, criam fissuras, interrompem rotas, através das quais o aluno surdo encontra também armas e possibilidades de inventar e produzir novas formas de aprender também e com o intérprete educacional.

**Palavras-chave:** Surdos e educação. Intérprete para surdos. Inclusão. Relações de poder. Recriação.

### ABSTRACT

*This research proposes an analysis of the power and knowledge relations in the insertion of the sign language interpreter regarding deaf students? inclusion in the university context. The aim is to dislocate the performance, usually technical, of the educational*

*interpreter, in favor of the pedagogical meeting process, not only instrumental, in an educative relation between the interpreter and the deaf student. For such proposal, I start by doing a careful reading taking into account the authors who discuss the inclusion? in the case of the deaf, with the presence of the interpreter, understood as the one who must not replace the teacher, but in the search to be his/her faithful spokesman? and I present some paradoxes generated in this context: inclusion-exclusion; translation-teaching. As for the theoretical background, I take the form of invention of deafness in the society, and the productions of knowledge and social powers, the relations of the inventions of the norms, and the emergence of subjects; therefore, in these games of strengths, I show the resignations and recreations the subject (deaf, interpreter, teacher) does in the course of the historical moves and of fight, and I discuss the teaching as an effect of the movement against the normalization hearing-speaker, in opposition to their linguistics singularities, that is, naturally visual and manual. It is in the creation of the class as a marginal event, as teaching- event, that the deaf student and the educational sign language interpreter allow.*

**Key words:** Deaf and education. Deaf's interpreter. Inclusion. Power relations. Recreation.